

Resenha de WITTE, Bernd, WALTER BENJAMIN – **Uma biografia, tradução de Romero Freitas**, Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2017

Tereza de Castro Callado

O livro sobre a vida de Benjamin está dividido em doze itens. Desenvolve o contexto da Infância e juventude em Berlim (1892-1912); Movimento de Juventude, judaísmo, filosofia da linguagem (1912-1917); Crítica de arte no espírito do romantismo (1917-1923); Pessimismo histórico e estética anticlássica (1923-1925); Paris, Berlim, Moscou (1926-1929); Crise e crítica (1929-1933), Imigração: a teoria da arte não aurática (1933-1937); Passagens (1937-1939); O fim da história (1940). O prefácio da edição brasileira, assinado por Márcia Tiburi faz menção a um “puro registro do vivido”, feito por Witte, o que permite ao leitor alcançar a experiência de Benjamin, diz a prefaciadora. As primeiras páginas narram a ascendência dos pais de Walter Benjamin, Emil Benjamin e Pauline Schönfliess. O autor Bernd Witte descreve o ambiente em que viveu Benjamin na infância e através das impressões registradas em *Infância Berlinense*, já sinaliza para a postura do filósofo diante dos apelos e imposições da sociedade aristocrática de Berlim, com a descrição da atmosfera contrastiva entre o mobiliário guilhermino, entregadores de mantimentos e babás francesas que marcam a posição aristocrática daquele meio judaico grão burguês. Benjamin nomearia sua condição nesse período, com a metáfora “um molusco na concha”, em *Infância Berlinense*, diz o autor. Benjamin anota nesse livro a descoberta, de que “os pobres, para as crianças ricas da minha idade, eles só existiam como mendigos. E foi um progresso do conhecimento, quando pela primeira vez comecei a compreender a pobreza, na ignomínia do trabalho malpago”.

Benjamin reconhece em “Infância Berlinense” o momento em que a escrita se torna independente, com a reflexão sobre a “Sociedade” : o “monstro” como o faro aflito da criança identifica a sociedade, lança no lixo os preparativos vespertinos que pareciam voltar-se para uma festa da paz e se estabelece no coração da família” (...) A criança no seu quarto isolado é impotente contra os demônios da sociedade de consumo...” menciona o autor na página 16. E com a recusa instintiva do pertencimento a uma classe nasceu a consciência do valor da própria individualidade”, diz na página 19. E conta que em Benjamin sobressai-se o sentimento da condição de “estar bloqueado na massa dos seus colegas”, quando fala do desgosto físico de quem costuma caminhar sozinho, ao se ver como membro de um coletivo”. “Doenças, atrasos, desatenção”, diz o autor, “são tentativas impotentes da criança para escapar dessa coação”.

O autor menciona os primeiros trabalhos literários, escritos em 1910, na revista “Começo” (*der Anfang*), onde já aparecem os vestígios da “consciência de seu futuro papel social como *Outsider* intelectual”. Ao determinar-se a estudar com o neokantiano Heinrich Rickert, em Freiburg, o filósofo dividia as atividades com a organização de grupos estudantis, e a propagação das ideias de Gustav

Wynecken com respeito a uma cultura juvenil independente, diz o autor na página 21. Observa que Benjamin, devido à educação liberal, na casa paterna, alheia às tradições culturais e religiosas do judaísmo, foi capaz de chegar à ideia, como ele próprio confessa, de que “os judeus representam uma elite no campo dos seres espirituais[...] pois o judaísmo para mim não é de modo algum um fim em si mesmo mas antes um nobilíssimo representante e portador do espiritual”.

Witte registra a carta de 1913 a Carla Seligson onde Benjamin escreve a respeito da recusa de se engajar politicamente, seja no sentido do sionismo, seja no do socialismo: “Isso é o principal: nós não podemos nos fixar em um pensamento determinado. Mesmo o pensamento da cultura juvenil deve ser justamente para nós apenas uma iluminação...” E “apesar da revolta contra o *milieu* burguês da sua ascendência, Benjamin sempre se negou a compreender a própria práxis como puramente social e política, diz Witte na página 26, citando Benjamin: “Eu penso (não em termos socialistas, mas em algum outro sentido) na multidão dos excluídos e no espírito que é aliado daqueles que dormem” escreve em Novembro de 1913 a Carla Seligson. Essa postura marcaria o desligamento da Revista “Começo”.

O próximo capítulo relata acerca do ensaio “Sobre a linguagem em geral e a linguagem dos homens de 1916 e fala da carta a Martim Buber a respeito desse ensaio. No capítulo seguinte é narrado o casamento, em 1917, de Benjamin com Dora Kellner, e o nascimento do filho único Stefan. Dora era recém separada de Max Pollak, um dos colaboradores da *Zeitschrift für Sozialforschung*. Em 1917 apesar de confidenciar a Scholem que somente “no âmbito da filosofia de Kant e Platão a filosofia pode chegar a doutrina, ou seja à apresentação da verdade absoluta”, Benjamin “vai encontrar os princípios metodológicos que invoca, na obra de Hermann Cohen”. Com relação ao conceito de experiência kantiano, ele “atribui à “filosofia futura” a tarefa de realizar a “fundação de um conceito mais elevado de experiência”. A linguagem, para Benjamin, supera a oposição sujeito-objeto. Ela seria o instrumento de conhecimento puro”, inclusive a experiência religiosa teria sua origem na linguagem. Com a atmosfera nefasta do fim da primeira guerra, “a busca de Deus, como resposta a uma situação história de ruptura é a assinatura do tempo”, registra o autor na página 38. Então, com essa relação próxima ao que ele considera o centro do romantismo - o messianismo – Benjamin foi levado ao reconhecimento da atualidade do romantismo e a escrever sua tese de doutorado, defendida em 1919 “Sobre o conceito de crítica de arte no romantismo alemão”.

Depois, estimulado, pelo pai a seguir a carreira acadêmica, Benjamin tenta em Breitenstein e Viena encontrar um tema de trabalho em torno da palavra e do conceito (da linguagem e do logos), mas é obrigado, pela condição financeira da família paterna, a retornar, com a família, a Berlim, diz o autor. Para suprir as condições precárias, resolve editar uma revista, e se espelha no modelo do *Athenäum* dos irmãos Schlegel. Assim concebeu, inspirado na gravura de Paul Klee o projeto da revista *Angelus Novus*, que fracassou. Witte conta que a construção histórico-filosófica do tempo de Benjamin é o conteúdo do ensaio

“Para uma crítica da violência, crítica do poder” de 1921, em que a “greve geral política” como foi referendada pela Revolução 1918-1919 parece ao filósofo derivada de um poder mítico. “Essa utopia de uma revolução anarquista que aniquila o mito é fundada teologicamente ao longo da obra de Benjamin”. [...] e tal como no seu último texto “Teses sobre o conceito da história” ela é apresentada como irrupção de Deus na história, na figura do Messias, diz o autor na página 40. Em Heidelberg tenta negociar a impressão de sua tradução dos *Tableaux parisiens* de Baudelaire. Em 1922 aparecem as versões prévias do seu ensaio sobre *As afinidades eletivas* de Goethe, que foi dedicado a Jula Cohn. O comentário anterior sobre o conteúdo ideológico do romance – amor e casamento, paixão e norma social, sensibilidade e eticidade - aparecem, na percepção de Benjamin, ligados à esfera do mito. Daí em diante, a interpretação crítica do filósofo vai circular em torno desse conceito que estaria condicionando as formas de vida na Modernidade, conta o autor. Para Benjamin, que alerta no *Prefácio Questões Introdutórias de crítica do conhecimento*, acerca do *preceito doutrinário imperativo*, “a confiança na bondade e na força criativa da natureza é *idolatria*”, diz o autor na página 46.

A publicação do ensaio *As afinidades eletivas* por Hugo von Hoffmannsthal, acabariam lhe rendendo junto aos pais, através das “afirmações elogiosas” do editor, uma credibilidade suficiente para provê-lo de uma renda para a preparação de sua tese de livre-docência, a partir de 1923. O pessimismo histórico que o estimula em “Origem do drama barroco alemão - de uma certa forma, a dar continuidade às questões levantadas em “Sobre a linguagem em geral e a linguagem dos homens - se inicia, quando, se sentindo desfavorecido pela classe a que pertence, se identifica aos interesses dos desfavorecidos, inclinando-se à radicalidade que o levaria à ruptura do “estado ruim e sempre igual, que para ele é a história”, diz o autor na página 57.

Dessa época, marcada pela catástrofe do entre guerras, a identidade com as ideias do ex teólogo Florens Cristian Rang, representaria um estímulo para Benjamin durante a escrita de *Origem do drama barroco alemão* : essas ideias seriam “o messianismo materialista marcado por representações nietzchianas de um paraíso nesse mundo” e “a concepção de política fundada na decisão moral do indivíduo”, diz o autor na página 58. Benjamin quer que seu trabalho seja “avaliado como ato político”. Nessa obra que traz o prefácio como metodologia para se compreender o conteúdo material dos capítulos subsequentes, a percepção de que “os grandes sistemas idealistas da filosofia se tornaram obsoletos” leva Benjamin a querer “resolver a contraposição entre sujeito e objeto, que é subjacente a eles, ao colocar um terceiro termo, a linguagem, como *medium* próprio da verdade”, diz o autor na página 62. Aí Benjamin deixa claro que a história filosófica enquanto ciência da origem, é a forma que, dos extremos mais remotos, dos aparentes excessos da evolução, emerge “a configuração da ideia como totalidade marcada pela possibilidade de coexistência daqueles opostos”, diz o autor na página 63. Essa totalidade não seria mais a totalidade harmônica do símbolo, mas justaposta de partes desordenadas, incluindo lacunas e fraturas, mas que permitiriam a descoberta,

no lusco fusco barroco dos papéis em que o monarca, como figura máxima da política, se projeta: por um lado como tirano, por outro, mártir.

A seguir vem o fracasso da tentativa de iniciar a vida acadêmica e a decisão de entrar no partido comunista, o que não se realizou: “a seus olhos seria tão contrário à sua decisão fundamental em favor da independência existencial e espiritual quanto um cargo de professor universitário”, diz a página 69. Assina em 1925 um contrato com a Rowohl, para publicação de *Origem do drama barroco alemão* e *Afinidades eletivas*, que lhe garantiria a sobrevivência por um ano, depois se entrega ao “vício fanático de viajar”, como dizia, partindo de Hamburgo a Portugal, Espanha e sul da Itália. De volta a Nápoles, vai a Riga se encontrar com Asja Lacis, a letã comunista que dirigia um teatro proletário para crianças, e para quem escreveria uma dedicatória em *Rua de mão única*: “Rua Asja Lacis, em homenagem àquela que como engenheiro a abriu no corpo do autor”. Em 1928 aparece, pela editora Rowohlt, o livro *Rua de mão única*, uma das obras mais significativas da literatura de vanguarda em língua alemã, e isso se deu por sua forma gráfica e seu design externo. O livro é composto de textos curtos que ele publicou nos cadernos culturais de grandes jornais a partir de 1925, diz a página 71. O que traz o livro? “a política em imagens alegóricas”, urgente para a compreensão da Modernidade, como época de decadência, “contraposta a uma antiguidade idealizada”.

O autor cita a metáfora que Benjamin faz na comparação das “noites de destruição da última guerra” com “a felicidade do epiléptico”, para explicar, na visão do materialista dialético que assume, “o poder do proletariado [...] o seu processo de cura”. Benjamin, diz o autor, na página 73, “reivindicava menos ação política do que reconhecimento do momento correto para a intervenção salvadora...” e a “política” de Benjamin tem como objetivo a produção desse saber da intervenção”. Surpreendente é a alusão do autor ao fato de Benjamin vislumbrar, já na infância, “os temas da salvação futura”. É dessa época também a intenção de traduzir, junto com Franz Hessel, a *Recherche* de Proust. O amigo também o introduziu nos meios germanófilos de Paris. Assumiu trabalhos na revista dirigida por Willy Haas “O mundo literário” que se tornaria uma das publicações de literatura mais influentes na fase de consolidação da República de Weimar. Repara o autor que a revista pôde praticar - “mesmo com a sua perspectiva política inequívoca – um “universalismo”, que fez dela o genuíno fórum dos debates ideológicos entre intelectuais de esquerda e de direita naquela época” (p. 75). O autor lembra que Benjamin publicou na revista, entre 1926 e 29 cerca de trinta trabalhos por ano e só cessou as publicações “com o crescimento do confronto ideológico”. Em 1926 seguem, à perda do pai, a viagem para Moscou, com a atração por Asja Lacis, o fracasso da relação, tensões e conflitos pela dependência do apoio do crítico Bernard Reich, companheiro de Asja.

“Uma posição isolada à esquerda” é a definição precisa do posicionamento social que Benjamin assumirá no futuro, diz o autor.

Mas a produção continua e em “O mundo literário de 1927, ele escreveria que “na nova sociedade o que determina o agrupamento político dos escritores não são mais as afinidades estéticas, mas antes as afinidades políticas” (79). E “a partir da experiência da função social concreta do escritor, que fez na União Soviética, ele ganha o impulso para estabelecer uma meta prática à sua própria atividade como crítico”, diz o autor na página 80. “A melancolia que ecoa no texto crítico em como as cores luzidias com as quais a narrativa épica é transfigurada nele, testemunham a nostalgia do intelectual *outsider* em relação à integração social”, diz Bernd Witte na página 82. O texto fala dos anos entre 1927 e 1929, com o interesse pelo Surrealismo, influenciado pela leitura de *Le Paysan de Paris* de Aragon, que o levou ao entendimento de sua própria época, diz o autor, na página 83.

A seguir vem a temática da “Crise e da Crítica” em que Benjamin vive os últimos anos da República de Weimar enfraquecidos economicamente e a ascensão nefasta do nazismo. Seguem o período de migração e a miséria do exílio. O autor registra a retomada do trabalho das Passagens, logo depois das primeiras dificuldades de Benjamin com a migração. Firma-se com toda energia um *Konvolut* após o outro da *Passagen-Werk*, onde a denúncia benjaminiana à fantasmagoria e às imagens de sonho que dominam a metrópole moderna, é explicada com a crítica de que “o século não conseguiu responder às novas possibilidades técnicas com uma nova ordem social”, diz o autor na página 125. Bernd Witte narra ainda sobre as providências do filósofo junto ao consulado americano para conseguir o visto de forma rápida para os Estados Unidos. Enfim, o livro traz as notas das citações, referências às correspondências trocadas com amigos e um itinerário cronológico da produção do filósofo, o que torna essencial sua leitura para aquele que se interesse pela filosofia de Walter Benjamin e tenha o desejo de se especializar nela.